

A identidade de gênero e a lógica binária da diferença - Psicanálise e Gênero masculino¹

Nadia Regina Loureiro de Barros Lima²

Ser varão é um fator de risco...

L. Binino

Resumo

Numa tentativa de articulação entre os campos de saberes – Psicanálise e Gênero – busca-se, com este trabalho, apreender como a regência de uma lógica binária da diferença pode repercutir no cotidiano existencial dos homens, através da configuração da identidade de gênero masculino. Num primeiro momento, são tecidas considerações sobre o conceito de gênero e identidade de gênero, contextualizando-os historicamente; em seguida, são levantados pontos para reflexão em torno das implicações da lógica binária da diferença em relação à trajetória existencial dos homens, questionando-se até que ponto esta poderá vir a contribuir para a redução de suas expectativas de vida.

Informações noticiadas pela mídia, mas também pelos relatórios médicos e demográficos, cada vez mais vêm nos chamando a atenção para a incidência de dados que apontam para a condição existencial de determinada categoria social em relação à expectativa de vida e longevidade: trata-se dos homens, particularmente dos homens jovens, cujos dados estatísticos registram uma crescente queda da expectativa de vida. Dentre essas notícias, destacamos a do I Congresso Mundial sobre a Saúde Masculina, realizado em Viena (Áustria), segundo o qual, de acordo com um levantamento realizado por pesquisadores de todo o mundo, os homens têm os índices mais elevados em todas as principais causas de mortalidade no âmbito mundial, o que se traduz numa expectativa de vida até sete anos mais baixa do que a feminina. Esse dado deixou cientistas em alerta, considerando que, até alguns anos atrás, essa diferença era de dois anos. Dentre as razões para essa redução sobressaem-se não só o fato dos homens se cuidarem menos do que as mulheres – os homens não costumam admitir que estão doentes, nem muito menos se tratarem – como também as “causas externas”, em que as de natureza violenta se destacam sobremaneira: acidentes de trânsito, homicídios, entre outros.

Partindo da premissa de que esses dados têm muito a ver com o processo de construção da subjetividade masculina,

nos propomos com esse trabalho, a partir do conceito de identidade de gênero, buscar apreender como a regência de uma lógica binária da diferença pode repercutir no cotidiano existencial dos homens. Inicialmente, tecemos considerações sobre o conceito de gênero e identidade de gênero, contextualizando sua emergência e articulações com a psicanálise; num segundo momento, buscamos apreender que implicações genéricas, a lógica binária da diferença viriam a repercutir na vida dos seres humanos masculinos, contribuindo, inclusive, para que estejam vivendo cada vez menos.

Gênero e Identidade de Gênero

Considerações em torno da conceituação e contextualização das determinações genéricas

Identidade de gênero é a experiência privada da função de gênero.
J. Money

Dentre as determinações básicas que constituem a vida social, as Relações de Gênero, ao lado das de Classes e Raça, são os pilares fundamentais que possibilitam a existência humana na *polis*. Essa relevância atribuída às Relações de Gênero, seguindo a concepção de Joan Scott (1990), se justifica, por um lado, por essa categoria constituir a forma primeira de expressar relações

¹ Trabalho apresentado na QUINTA-CULTURAL em novembro/2000.

² Psicóloga clínica - UFAL, mestra em sociologia - UFPE, membro do Núcleo Temático Mulher & Cidadania - NTMC/UFAL, da REDOR e do GPAL.

A identidade de gênero e a lógica binária da diferença - Psicanálise e Gênero masculino

de poder; e, por outro, por ser um dos elementos constituintes das relações sociais.

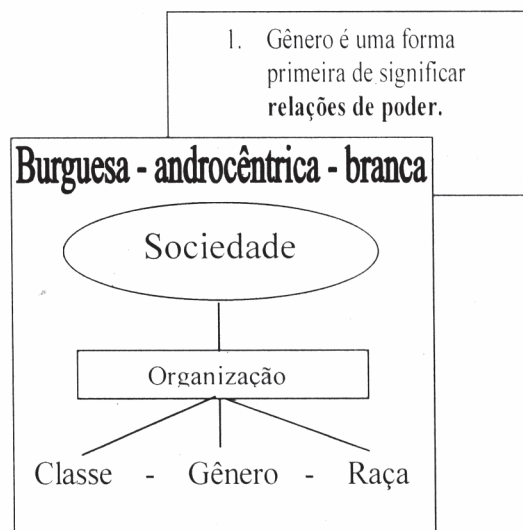
Historicamente, o ponto de partida da concepção de gênero ocorreu por volta de 1955, quando John Money propôs o termo “*papel de gênero*”(gender role) para descrever o conjunto de condutas atribuídas aos homens e às mulheres; a partir de seus estudos pioneiros sobre hermafroditismo, ele e seus associados inferiram a necessária distinção entre sexo e gênero. Para eles, o passo fundamental para a diferenciação de gênero seria a auto-designação pela criança, como sendo do sexo feminino ou masculino, de acordo com a atribuição social; essa diferenciação de gênero ocorreria em torno dos dezoito meses e estaria completa aproximadamente aos quatro anos e meio.

Mais tarde, Robert Stoller, num livro publicado em 1968 – Sex and Gender –, baseado em suas investigações sobre meninos e meninas que, devido a problemas anatômicos, haviam sido educados/as de acordo com um sexo que não era fisiologicamente o seu, estabeleceu com mais nitidez a diferença conceptual entre sexo (qualidade de fêmea e macho) e gênero (feminino e masculino).

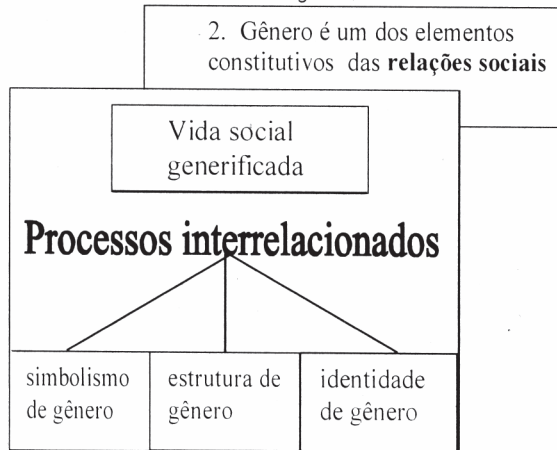
Apesar de sua ampla produção e de a psicanálise poder ser considerada como a primeira teoria geral da personalidade que tentou explicar as origens do que hoje é conhecido como gênero, Freud não se deteve amplamente na temática das diferenças sexuais; sua teoria de feminilidade e masculinidade se fundamenta na idéia de que a descoberta da diferença anatômica por parte da criança vai marcar o comportamento diferenciado dos dois sexos: os meninos têm pênis e as meninas não. Para ele, a masculinidade seria um estado natural. Opondo-se a essa visão, Horney e Jones vão propor uma teoria alternativa, afirmando que a feminilidade era primária e precedia a fase fálica, idéia essa que mais tarde vai ser abraçada por Stoller com o conceito de profeminilidade. Convém frisar que as primeiras formulações psicanalíticas sobre essa temática foram elaboradas numa época

em que ainda não havia uma clara distinção entre sexo e gênero e que, desde aqueles debates pioneiros, em que Freud de um lado, e Horney e Jones de outro se opunham, esse assunto ficou como que cristalizado, nunca mais sendo retomado. Só muito recentemente é que está sendo resgatado, não só pela psicanálise, como também por outros campos do saber, desta feita numa tentativa de diálogo entre gênero e psicanálise.

Outros canais de interlocução também têm acontecido com a sociologia, a história, a antropologia argumentando que aquilo que entendemos por masculino e feminino, longe de serem entidades objetivas e de natureza biológica, são historicamente construídas. É na esteira dessa discussão que gênero, desde as últimas décadas, vem sendo conceitualmente elaborado, já assumindo atualmente o estatuto de categoria de análise, conforme vem sendo trabalhado por teóricos/as dos mais diferentes campos do conhecimento, como é o caso de Joan Scott, a partir de duas proposições básicas:



Com isso se entende que as relações de gênero são relações de poder que se constroem constantemente ao longo da história da humanidade e no cotidiano diário, entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres, homens e homens. Ao lado das desigualdades de classe e de raça, lá estão também as de gênero, contribuindo para a distribuição desigual de poder e oportunidades, em todos os espaços da vida social, donde nossa sociedade se caracteriza como burguesa, androcêntrica e branca.



Estando presente em todas as experiências de vida, no que pensamos, fazemos e sentimos, gênero se manifesta a partir de alguns elementos que contribuem para a constituição e manutenção das relações sociais, a saber:

Símbolos presentes em todas as sociedades e que são transmitidos às crianças desde a mais tenra idade, construindo nas mentes humanas todo o corpo simbólico imprescindível ao convívio social. De tão inculcados que são, com o passar do tempo, passam a ser encarados como "naturais" e, em se tratando de simbolismo de gênero, a simbolização acontece através de metáforas dualistas, designando dicotomias que não necessariamente têm algo a ver com a diferença de sexo; Normas

e valores também têm uma função básica na manutenção das relações sociais à medida que prescrevem o que devemos fazer, o "dever ser social"; no que se refere às relações de gênero, dizem o que é próprio da conduta de homens e mulheres, não só separando mas também valorizando tudo que diz respeito a uns, em detrimento de outros; nesse sentido, o que se refere ao homem (e ao masculino) é sempre mais valorizado e os dispositivos normativos podem exercer sua função de modo informal – usos e costumes – ou formalmente, através das leis escritas; Instituições representadas através da família, política, escola, justiça, trabalho expressam e consolidam aquilo que as normas e os valores prescrevem. Enfim, a Identidade subjetiva ou o gênero individual, isto é, a identidade individual socialmente construída, interferindo na nossa subjetividade como um todo, desde o nome que recebemos de nossos genitores a partir do desejo destes, passando pelos nossos desejos, afetos, sentimentos e sexualidade. Nesse sentido, a subjetividade de homens e mulheres é construída e, de acordo com a base de poder própria às relações de gênero, vai contribuir para o surgimento de estereótipos, sexismo e preconceitos. Os estereótipos de gênero estão ligados aos preconceitos de gênero e, sendo uma opinião predeterminada, afetam a vida pessoal, bem como as relações interpessoais; exemplos típicos dessa natureza são expressões do tipo "homem não chora", "as meninas são choronas" ou ainda, o adágio popular que diz "homem que chora, mulher que não chora e menino cortês, não presta nenhum dos três".

Tais idéias são calcadas em estereótipos de gênero e, como tais, não atentam para o fato de que tudo que diz respeito ao humano é historicamente construído e aprendido, pois, parafraseando Simone de Beauvoir, não se nasce homem, nem mulher: nascemos machos e fêmeas e nos tornamos, de acordo com o processo de socialização, homens e mulheres. É esse aprendizado, a partir da base cultural própria a cada contexto

A identidade de gênero e a lógica binária da diferença - Psicanálise e Gênero masculino

social, que organiza a identidade de gênero, entendida como:

A uniformidade, unidade e persistência da individualidade de alguém, enquanto masculino ou feminina (ou ambivalente), em maior ou menor grau, especialmente se experimentado pela autoconsciência e pelo comportamento. Identidade de gênero é a experiência privada da função de gênero, e função de gênero é a expressão pública da identidade de gênero. (Money, J., In: Silva, Benedicto (1968:568)

Por ter como núcleo conceitual a questão da subjetividade, cada vez mais essa questão vem se tornando um ponto de confluência para diferentes campos de saberes, que se interessam pela construção da subjetividade e suas repercussões no cotidiano existencial, inclusive com a emergência de estudos articulando conteúdos de saberes oriundos de campos particulares, como é o caso dos estudos sobre Psicanálise e Gênero. No presente trabalho, interessa-nos buscar que vinculações poderão existir entre a identidade de gênero e as repercussões da lógica binária da diferença na vida dos homens, pelo lugar privilegiado a eles atribuído.

A Lógica Binária da Diferença e suas

repercussões práticas: as implicações genéricas no cotidiano existencial dos homens

El varón se constituye así como una metonímia - la parte por el todo de la especie que se autopromociona metáfora -, lo representativo de lo específicamente humano. (Celia Amorós)

Em princípio, lugares privilegiados só tendem a trazer, para pessoas e grupos que aí estão, retornos privilegiados. No entanto, vamos tentar delinear que aspectos acabam repercutindo na vida dos homens como experiências negativas, decorrentes de

seus lugares privilegiados, donde se pode deduzir que mais condizente seria falarmos em “falsos privilégios”.

Inicialmente, vejamos como os privilégios se fazem presentes. Entre tantas formas de usufruir deles, o fato de ditar as leis, de assumir postos de decisão, de ocupar o lugar de chefe de família, de traçar os delineamentos econômico-políticos na esfera pública, do masculino ser o termo dominante na linguagem, assumindo-se sempre a lógica do varão, são apenas alguns dos campos em que os privilégios se fazem presentes. Para efeito de nossa reflexão, vamos nos deter especificamente no que acontece no campo da linguagem, mais conhecido como sexismo léxico, presente desde o cotidiano, em que a evidência dos privilégios se presentificam diuturnamente, até os registros históricos e, diga-se de passagem, em nome do gramaticalmente correto. Em relação àqueles registros, D'Eaubonne, em sua obra “As mulheres antes do patriarcado” (1977), questiona como até agora, mesmo se sabendo que a agricultura foi uma descoberta das mulheres, se continue usando no masculino o que é de autoria feminina, através de frases como: Os agricultores subiram até à bacia do Elba..., Os camponeses europeus começaram então a controlar os cereais espontâneos.

Será que faria diferença, em termos de elucidação da história humana, se lêssemos, ao invés de agricultores e camponeses, “agricultoras” e “camponesas”?

E, prossegue D'Eaubonne (1977:12):

O que parece simples por menor é por vezes essencial. Valéry dizia: 'O que temos de mais profundo é a nossa pele'. A gramática e a lingüística são a pele do pensamento, a epiderme da consciência. Os autores que utilizam o masculino, tratando-se de uma descoberta feminina, conformam-se, logo que se passa

à relação da historicidade, com a regra gramatical Desnecessário se faz discorrer sobre esse aspecto, que é para todos visível, público e notório pelo que significa, enquanto desempenho e lugar de privilégio. do sujeito coletivo no masculino: 300 000 mulheres e um rapazinho concordam no masculino plural, dizia Alphonse Allais. Mas a interiorização desta regra convencional aproxima-se da fraude.

Fatos dessa natureza apontam para a existência de privilégios masculinos. Podemos ilustrar com outros fatos, como por exemplo, a referência que se faz a “senhora” ou “senhorita” quando, cortesmente, as mulheres são cumprimentadas, enquanto que para os homens, só se usa “senhor”, independentemente de seu estado civil. Dessas referências diferenciadas pode-se deduzir que aceita-se a crença da autonomia dos homens, enquanto que as mulheres são vistas a partir de sua relação com eles. Em outros termos, aponta não só para o como percebemos homens e mulheres, mas também o masculino e o feminino, para o sexismo de caráter léxico. Esses fatos que remetem para a lógica binária, que unifica em um significante — o falo — o movimento desejante de mulheres e homens (ser ou ter o falo), suscitam questões, como a levantada por Inda (1996:218): ¿Por qué la pregnancia de um significante masculino para dar cuenta de una problemática que comprende a ambos sexos?

Parece que a diferença semantizada como desigualdade, mais uma vez, volta a atacar!

Porém, apesar de coroado como rei, o homem, aquele que “tem-sabe-pode” e que deve sustentar essa postura de poder culturalmente imposta, vem se manifestando na cotidianidade, bem como na clínica, como que despido de todo esse poder que lhe é atribuído, como se... o rei estivesse nu!

As determinações atuantes no âmbito da ciência, da língua, do senso comum relacionam o homem/masculino como o

primeiro sexo, o termo dominante da gramática, o que vem sendo ampla e profundamente tematizado como seu lugar de privilégio, de poder, de submissão do semelhante, do “segundo sexo”. Desnecessário se faz discorrer sobre esse aspecto, que é para todos visível, público e notório pelo que significa, enquanto desempenho e lugar de privilégio.

Ora, e diante disso, onde estariam as desvantagens?

É esse exatamente o aspecto que nos interessa destacar, tendo em vista as relações paradoxais, em que privilégios e desprivilégios, numa imbricada rede, acabam por resultar em consequências negativas para os homens, na configuração da masculinidade. O que se observa é que na existência deles, em decorrência do lugar que ocupam, aquilo que aparentemente se apresenta como privilégio, acaba por se caracterizar como “falso privilégio”, pela condição de sujeitado dos mesmos às determinações genéricas, exercendo sobre eles um poder crucial, por tratar-se de valores subscritos pelo gênero paradigmático.³ Consistem, nesse sentido, em construções humanas e, portanto, em fatos da língua, através dos quais vemos o mundo e isso porque o conhecimento é historicamente construído a partir de substratos determinantes como classes, gênero, raça, entre outros. Esses substratos são fundamentais na estruturação léxica.

Se associar homem e ser humano, relegando a mulher ao outro (menos humano?), ao mundo da natureza, faz parte do senso comum e das construções teóricas, as implicações desse raciocínio paradigmático passa pelo fato de que a referência ao “homem”, no seu mais alto grau de generalização, acaba por omitir, apagar as particularidades dos homens, na sua singularidade e pluralidade, e isso traz consequências alienantes para eles, porque deixam de se ver como humanos para responder aos estereótipos que a cultura deles exige como postura varonil/viril. Garcia Meseguer

³ Nesse contexto, entendemos por “paradigma” o conjunto de princípios ou concepções gerais acerca do humano, da realidade social e dos métodos atuando como seletos perceptuais através dos quais apreendemos o real.

A identidade de gênero e a lógica binária da diferença - Psicanálise e Gênero masculino

(1988), analisando como estes fatos se fazem presentes na Lingüística, em que a referência ao “homem” equivale a pessoa, chama a atenção para a resultante diluição da singularidade dos homens na particularidade; para isso, trabalha com dois fenômenos que ele denomina: termo dominante e termo dominado e a ótica do varão.⁴

Essa não explicitação da particularidade dos homens implica uma relação alienante deles, como pessoas, consigo mesmos e, longe de significar uma maneira harmoniosa de serem homens, apontam para a resposta a um estereótipo mais constante e silencioso que eles fazem ao tributo de gênero: à medida que se identificam com o padrão, o genérico, a normalidade acabam por ...

...*padecer de normalidad*, se anulando na sua singularidade. Paradoxalmente, enquanto a linguagem científica e cotidiana assimila com frequência homem e pessoa (ser humano), dando conta de uma totalidade, sujeitando-o acriticamente às prerrogativas “do-que-um-homem-deve-ser” para sentir-se como tal, produzirá nele, no melhor dos casos, uma fragmentação pessoal. Sentir-se inteiro, como pessoa humana, implicaria que assumisse a premissa de que nada do que é humano lhe seria estranho mas isso, todavia, não acontece porque a experiência e manifestação de medo, passividade, sentimento, pedido de ajuda, desconhecimento, debilidade — típicas do humano — não fazem parte da agenda masculina, pois isso tudo é coisa de mulher. Será por isso que Lacan afirmara que *“a mulher é o sintoma do homem”*? (1991:87)

É consenso que os homens tenham um lugar privilegiado na sociedade, todavia, tem sido através da visibilização dos custos destes privilégios que começam a se esboçar as singularidades. Desde pequenos, são socializados no sexismo das habilidades que vão produzindo um adestramento do que seria desejante para um homenzinho: defender as irmãs, enfrentar os perigos, ganhar as peladas, sobressair-se nos esportes, nas profissões, ter uma sexualidade freqüente, pois ser o melhor é o que ganha: “Quanto mais, melhor...”

⁴ Em relação ao 1º termo, um exemplo típico seria o seguinte: Se alguém fala “Os filhos de seu primeiro casamento” inclui os dois sexos, porque há uma tendência de identificação inconsciente com o masculino como total, o genérico, a regra, e, o feminino com o parcial, o específico; quanto ao 2º termo, quando se faz um enunciado de caráter geral, este é claro, caso se trate de um homem, mas não o é quando se trata de uma mulher, por exemplo: a palavra menstruo é definida como “fluxo sanguíneo, em

Com estes valores vão-se configurando a subjetividade e a perspectiva varonis, alheias aos cuidados de si e dos outros, se confundindo identidade pessoa e identidade de gênero. Se, por um lado, as salas de espera de consultórios médicos primam pela ausência de homens, por outro, as estatísticas sobre expectativa de vida registram que eles morrem mais cedo do que as mulheres. De acordo com dados do IBGE, no Brasil nascem mais homens (105) do que mulheres (100), mas existem mais mulheres do que homens, visto que a expectativa de vida ao nascer é maior para elas⁵ e, conforme avaliação de alguns geriatras, essa desproporção tem a ver com o fato de que os idosos sofrem a falta de cuidados e os maus hábitos do passado. Na avaliação do demógrafo Juarez de Castro Oliveira, *uma das explicações para essa diferença é a de que as mulheres têm um cuidado muito maior consigo mesmas do que os homens [...]* É até uma questão de hábito. *Homens, por exemplo, não costumam nem admitir quando estão doentes e, quando admitem, é mais difícil fazer com que se submetam a um tratamento.*” (Oliveira, J.de Castro. In: Lourenço, R. 1999:30).

Além dessa questão cultural, dos não-cuidados dispensados a si próprios, acrescente-se que o grande fator responsável pela morte de um grande número de homens são as chamadas “causas externas”, também de natureza cultural, que englobam os óbitos ocorridos basicamente por acidentes de trânsito, homicídio, esportes de risco, entre outros. Ainda segundo dados do IBGE, 75% dos óbitos de adolescentes de 15 a 19 anos são por causas violentas⁶ e, se buscarmos a distribuição da mortalidade proporcional no Brasil, em 1996, vamos observar que, dentre as principais causas de óbito por grandes grupos de causas, as “causas externas” estão em 2º lugar, com 15,5%, dado esse alarmante, se comparado com outros países do mundo que, como o nosso país, não estejam em guerra; nestes, os óbitos por causas externas estão, em geral, entre a quarta ou

regra mensal, através das vias genitais da mulher”; no entanto, *polução* é definida como “emissão involuntária do esperma”, sem se especificar que acontece nos homens.

⁵ Enquanto para os homens é de 64,3 anos de idade, para as mulheres é de 72 anos. Cf. LOURENÇO, Dr. Roberto, “Vida longa para elas”. In: VIEIRA, Vera Lúcia, Canal Médico, Ano 3, nº8, agosto de 1999, p.29-30

⁶ IBGE, Saúde, Criança. Adolescente: Indic. soc., Rio de Janeiro, v.6, p.1-80, 1997.

quinta causa de óbitos e não ultrapassam 5% do total. O que é digno de registro é que a maioria destes óbitos ocorre por homicídios e, particularmente, entre homens (82,2%). Esta, por sinal, é uma das explicações para a sobre-mortalidade masculina que, no Brasil “*apresenta uma razão de óbitos de homens/mulheres em torno de 1,4, uma das mais elevadas do mundo.*” (Buss, Paulo M. In: IBGE, 1999:94)

E em Alagoas, como se apresentam esses dados?

De acordo com levantamento efetuado no IML⁷, entre o período de 1º de janeiro e 30 de maio de 2000, 61,5% dos casos de homicídio no Estado envolvem vítimas com idade entre 13 e 23 anos, se sobressaindo a predominância de homens: só no mês de abril, de 72 casos de mortes violentas, a maioria por homicídio, 35 delas estavam na faixa entre 16 aos 20 anos, a maioria envolvendo homens e apenas seis mulheres foram assassinadas. No ranking da mortalidade proporcional por causas externas no Nordeste, Alagoas ocupa o 2º lugar, com 61,5%, perdendo apenas para Pernambuco (71,8%); isso acaba por contribuir para a redução em quase dois anos da vida do alagoano e, em termos de região, segundo ainda dados do IBGE, o nordestino está morrendo mais cedo. A violência pessoal em Alagoas apresenta dados estarrecedores:

Há registros de 397 casos de agressão, o que nos quer dizer que 4,4 pessoas/dias são agredidas ou se agredem mutuamente, em nosso Estado. [...] Cabe destacar que a violência provocada ou envolvendo os homens é 387,95% maior do que a chamada violência feminina. Este percentual demonstra o colapso social do universo masculino, que extrapola todos os níveis de tolerância do convívio humano, num universo de cultura machista desprezível. (Rocha, J. Bóia, 2000)

Esses sintomas de normalidade da condição masculina estão presentes nas estatísticas sobre acidentes, homicídios, população carcerária, entre outros registros de fatos delituosos. Todavia, o custo que eles têm de arcar/sustentar por esse ideal heróico, essa “*violência coberta de glória*”, em regra, é silenciado, donde L. Bonino afirmar que... “*ser varão é um fator de risco*”.

Esse risco vai aparecer exatamente nas estatísticas e a predominância da presença masculina nesses dados não tem que ser atribuível sempre a uma inerência da agressividade, como qualidade própria dos varões, senão à força representacional que assegura no risco, na ação, no limite do esforço, uma cota de virilidade que se confunde com masculinidade. A tendência de não pedir ajuda por parte dos homens é um fato conhecido por médicos, psicoterapeutas, como prova da resistência masculina a ser assistido. Sabe-se que as consultas femininas são mais abundantes porque pedir ajuda, a auto-observação, não chegam a ameaçar a auto-estima das mulheres como acontece com os homens.

O ideal do gênero coincide com o narcisismo mas, pode opor-se à saúde mental, à sexualidade ou à integridade, colocando em risco a saúde, a vida e a sobrevivência dos homens. Entre tantos fatos que possam vir a ferir seu narcisismo egóico, sabe-se por exemplo, o que representa na vida destes, a ocorrência de uma disfunção erétil, muitas vezes vivenciada por eles como uma falta de poder — impotência — repercutindo na totalidade deles, enquanto pessoas. Diante da pressão que é exercida sobre a masculinidade, dificilmente uma disfunção dessa natureza será encarada como uma manifestação do corpo-mente, dizendo não a tanta pressão.

O mesmo pode acontecer na ocorrência de enfermidades leves, que podem expressar uma busca de passividade; ou quando uma lesão obriga um jogador a retirar-se de uma disputa esportiva, renúncia essa que a moral do desportista

⁷ Gazeta de Alagoas (2000). “Alagoas é o 2º em assassinato de jovens no NE”. Maceió, AL.

A identidade de gênero e a lógica binária da diferença - Psicanálise e Gênero masculino

não admitiria, porque sua auto-estima se mede pelo lutar até não mais agüentar. Toda essa gama constante de sexuação do comportamento e habilidades, bem como a divisão binária de atributos, produzem não só formas de viver, senão também formas de padecer e de morrer. São abundantes os exemplos que nos apontam para essa realidade em que os homens, por ocuparem esse lugar a eles atribuídos sócio-culturalmente, sofrem as conseqüências pela configuração da masculinidade, nas palavras de Norberto Inda... *"padecen de normalidad": Padecer de normalidad es tal vez el estereotipo más constante y silencioso que los varones hacen al atributo de género. A costa de su alineación como personas.* (Inda, N.1966:220)

Esses fatos nos levam a pensar nas premissas paradigmáticas que subjazem às determinações genéricas, como é o caso da tirania da lógica binária, que fundamenta o pensamento ocidental, numa realidade em que o masculino e o feminino são representações construídas. Seguindo o pensamento de Judith Butler⁸ (1992), se a verdade do gênero é sua construção, então os gêneros não serão nem verdadeiros nem falsos, seriam quando muito

"multiplicidades inconsistentes. Eso mismo que Alain Badiou (1993) llama "verdades transposicionais cuando intenta acercar conceptos que aporten a la construcción de una ontología de lo múltiple. De tal forma que las diferencias de género soportan la singularidad infinita de individualidades históricas: diversidad inagotable de las maneras posibles de ser personas. Singularidad infinita que nos define a los seres humanos como semejantes: ni idénticos ni diferentes. (Volnovich, J.C. & Werthein, Silvia, 1996:347)

Ontologia do múltiplo... eis a proposta de Badiou para questionar vinte e quatro séculos de uma lógica em que o ser

— em sua secreta tensão entre o Uno e o Múltiplo — foi sempre pensado a serviço do Uno e este sempre, obviamente, era o masculino.

Mas, não só na teoria circulam as restrições de gênero; a clínica psicanalítica suporta também a carência de parâmetros para lidar com a diferença de gênero e daí fazer sentido os atuais questionamentos sobre a noção de gênero a partir da clínica. Vimos como vem sendo demasiado alto e doloroso o preço que os homens vêm pagando para responder às expectativas sociais, por ocuparem esses lugar a eles atribuído e... *"padecen de normalidad"*. Para responder às atribuições a eles dirigidas pela cultura androcêntrica, são socializados para rejeitar e denegrir os valores que, no imaginário social, são considerados femininos, ao tempo em que são privados de um amplo campo de recursos afetivos e simbólicos.

Refletir sobre esses pontos é um convite para que se revejam os parâmetros paradigmáticos da construção do conhecimento, presentes nos diferentes campos do saber, e suas repercussões, no que se refere à lógica binária da diferença, na vida humana; em se tratando desse trabalho, as conseqüências na vida dos homens, especificamente, que, mergulhados como estão em fontes ideologizantes de gênero, dificilmente se dão conta do teor paradoxal de sua vivência: ao lado da onipotência desses valores, a condição de sujeitados que os deixa prisioneiros ao outro, à língua, ao costume, ao ideal, em suma, à estrutura que nos sobredetermina. A condição a que nos submetem os mecanismos ideológicos, entre tantos efeitos, tem como resultado a abolição subjetiva e há quem fale numa *"triple sumisión al ideal (ideología), al ídolo (idología) y a la omnipotencia (ideología) rectora de la realidad psíquica, siempre renegada como tal em provecho de la objetivación de lo real: toda ideología se presenta como objetividad.* (Bernard, M. 1992:223)

⁸ Para Butler, um gênero não é outra coisa que o imaginário instituído e inscrito como efeito de verdade por um discurso de identidade estável e persistente na superfície dos corpos. Cit.: Volnovich, Juan Carlos & Werthein, Silvia. In: Burin, M & Dio Bleichmar, Emilce, op. cit. p.344-361

Nesse mundo de ilusões, em que quem pensa ser dotado de onipotência se descobre sujeitoado, bem faz sentido atentar para o imperativo da falta, questão nuclear tematizada pela psicanálise como castração e como isso se presentifica na trajetória dos homens; também faz sentido considerar a necessidade de estudos correlacionando gênero e psicanálise que, por si só, apontam para significativas apreensões na teoria, na clínica e no campo da prevenção, até porque, tais temáticas implicam um olhar multidisciplinar, próprio de um *pensamento complexo*, como tão bem diz Morin.

Enfim, diante da necessidade constante dos humanos mirarem e reverem, sempre, sua condição de seres sujeitosados em que se encontram mergulhados e, particularizando o gênero masculino, tema dessa reflexão, faz sentido pensar sobre as implicações genéricas na vida dos homens à luz da metáfora de A Gala (1996: 224), quando diz: *...el mar, tan inmenso, no sabe que lo es; el marino, tan pequeño, sabe de su peligro.*

Referências Bibliográficas

- Amoros, Celia (1985) *Hacia una critica de la razón patriarcal*. Madrid.
- Bonino, L. (1992) *Accidentes de tráfico*. Asignatura pendiente en salud mental, Encuentro Hispano-Argentino en Salud Mental, Santiago de Compostela.
- Burin, Mabel & DIO, (1996) *Bleichmar Emilce* (compiladoras) Paidós, Argentina.
- Buss, Paulo M. In: IBGE, *Brasil em números*, Saúde, v.7. 1999 p.94
- D'eaubonne, Françoise (1977) *As mulheres antes do Patriarcado*. Ed.Vega, Lisboa.
- Gala, A. (1996) apud INDA, Norberto. *Género masculino, número singular*. Consideraciones sobre psicoanálisis y complejo de masculinidad. In: BURIN, M.& DIO BLEICHMAR, Emilce (compiladoras). *Género, Psicoanálisis, Subjetividad*. Paidós, Argentina, p.212-240
- García, Meseguer A. (1988) *Sesgos en la percepción de lo masculino y lo femenino debido a fenómenos lingüísticos*. In: Jornadas de Psicoanálisis, Lo masculino y lo femenino, Madrid.
- Gazeta de Alagoas (2000) *Alagoas é o 2º em assassinato de jovens no NE*. Maceió, AL.
- IBGE (1997) *Crian. Adolesc.: Indic. soci.* Rio de Janeiro ,v.6 p.1-80
- Inda, Norberto. (1996) *Género masculino, número singular. Consideraciones sobre psicoanálisis y complejo de masculinidad*. In: BURIN, M. & DIO BLEICHMAR, Emilce (compiladoras), Paidós, Argentina, p.212-240
- Lacan, Jacques. *Seminário Le Sinthome* - 1974 -1975. Association Freudienne Internationale (Publication hors commerce, documento interno), 1991.
- Lourenço, Roberto (1999) *Vida longa para elas*. In: Canal Médico, Ano 3, nº 8, p.29-30
- Oliveira, Juarez de Castro. (1999) cit. por Lourenço, R. op. cit. p.29
- Rocha, Jurandir Bóia (2000) *VIOLENCIA*, In: Gazeta de Alagoas, Maceió, AL.
- Scott, Joan. (1990) *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: LOPES, Eliane M. T. & Louro, Guacira Lopes (org.) Educação & Realidade. Mulher e Educação, Porto Alegre: 16(2) 5-22, jul/dez.
- Silva, Benedicto (Coord.) (1968) Dic. de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, p.568.
- Vieira, Vera Lúcia (1999). *Revista Canal Médico*, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 8.
- Volnovich, J. Carlos & WERTHEIN, Silvia. (1996) *¿Tiene sexo el psicoanálisis?* In: BURIN, M. & DIO BLEICHMAR, Emilce. op. cit. p.344-361.